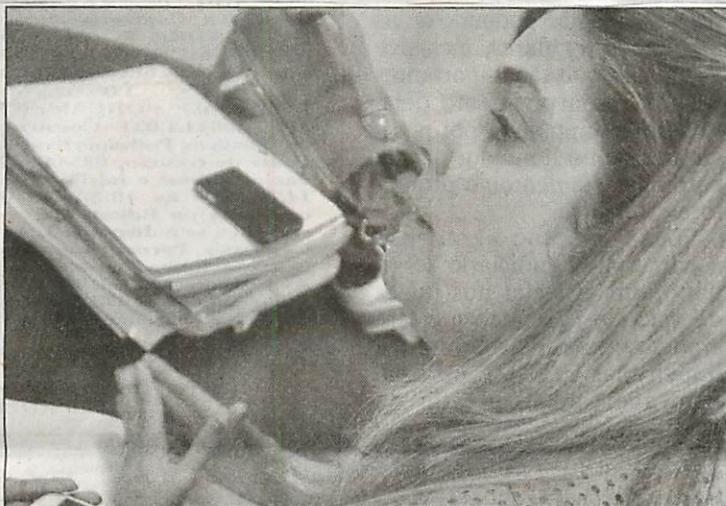




Faltam sabonete, álcool e outros materiais no Huse

Hospital da rede pública continua com baixa quantidade de macas

Andréa Moura
DA EQUIPE JC



PROMOTORA Euza Missano anuncia mais uma ação civil contra o Huse

A situação do maior hospital de urgência e emergência do Estado, o Huse, é tão escandalosamente precária que o local não possui sequer álcool gel ou sabonete líquido para assepsia das mãos dos profissionais, pacientes ou visitantes. “Ontem mesmo recebemos uma pessoa que estava internada na ala azul do Huse e que não tomava banho havia dois dias”, comentou uma enfermeira do Hospital Universitário, que preferiu não se identificar. Na última segunda-feira um médico socorrista do Samu esperou por mais de uma hora a maca da ambulância ser liberada pelo hospital, pois a pessoa que recebeu o atendimento faleceu e o simples ato de retirar o cadáver da maca para devolvê-la à unidade móvel durou mais que 60 minutos. Isso porque, no Huse, a falta de macas continua.

Como se tudo isso fosse pouco, homens e mulheres estão misturados independentemente da idade e muitos, por causa da doença, estão com os órgãos genitais à mostra, classificando grave desrespeito, antes de qualquer coisa, à dignidade humana. Há superlotação das alas; pacientes que deveriam estar em quartos isolados pela suspeita ou confirmação de serem portadores de doenças infectocontagiosas misturados a outros, e sem estarem, ao menos, usando equipamentos de proteção, a exemplo de máscaras, e havendo a possibilidade real de disseminação de bactérias multirresistentes.

“Na verdade, muitos deles não estão nem recebendo o medicamento necessário, como nos informaram os médicos. Outra coisa que nos deixou bastante preocupados e que vai ser motivo para uma Ação Civil Pública é a utilização de três centros cirúrgicos, dos nove existentes, em salas de UTI. A não utilização desses centros como deveria está

prejudicando a população. Pacientes com câncer, por exemplo, não estão sendo submetidos a cirurgias porque os que estão em atividade são usados para os casos de trauma, para as urgências do cotidiano”, disse a promotora de Justiça, Euza Missano.

Ela lembrou ainda de ver médicos e enfermeiros sem a vestimenta ideal para a situação a que estavam expostos. “Infelizmente constatamos o que desconfiávamos: de que nenhuma das liminares expedidas pela Justiça está sendo cumprida”, lamentou. Esses foram alguns dos inúmeros problemas encontrados durante uma visita surpresa ao local, realizada por uma comissão composta por membros dos Ministérios Públicos Estadual e Federal, e do Conselho Regional de Medicina do Estado de Sergipe ao Huse, na última segunda.

De acordo com o médico e conselheiro do Cremese, Hyder Aragão, que acompanhou a ‘fiscalização’, o relatório de tudo o que viu junto com os promotores de Justiça, Euza Missano, Fábio Viegas e Nilzir Soares, e do procurador da República, Ramiro Rockenbach, pode sim integrar o grande dossiê sobre o Huse, que desde novembro do ano passado foi iniciado, quando do anúncio, pelo Cremese, do pedido de

intervenção ética do Pronto Socorro da unidade.

“Estamos bem perto de terminar o relatório, que é extenso. Creio que antes do final do semestre estará pronto e quando isso ocorrer, cópias serão entregues aos ministérios públicos, à Justiça, à imprensa, ao Conselho Federal de Medicina, a organizações internacionais e ao Ministério da Saúde”, garantiu o conselheiro. A demora na elaboração do que pode ser chamado de dossiê, parte da necessidade de fundamentar cada uma das denúncias feitas em leis e artigos da medicina para que não haja a possibilidade de contestação por parte dos gestores.

Mais horror

Nesta mais nova vitória, o grupo acompanhou de perto a situação de quem está internado nas alas azul, verde, amarela e vermelha; na Unidade de Tratamento Intensivo e no Centro Cirúrgico. Ainda de acordo com Hyder Aragão, o mais grave dos caos instalados no Huse é que todos os problemas encontrados esta semana são recorrentes, ou seja, são erros que vêm sendo repetidos com frequência e constância, e dos quais os gestores têm consciência. “Não há novidade, ou melhor, a novidade é que está tudo tão ruim quanto antes. O que

vimos de inadequado há meses continua, como paredes com pontos de fungos e o hospital sem a higiene adequada, embora tenha gente limpando. Sinceramente não vi nenhum tipo de melhoria, nenhuma evolução positiva no hospital”, criticou o médico.

Ele lembra que há quatro anos, quando da criação das fundações, as entidades médicas alertaram os gestores sobre todas essas situações perniciosas – e que já existiam –, mas foram informados de que as fundações seriam, justamente, a solução de todas elas. “Nada foi resolvido, a situação só piorou e ainda criou-se mais um ponto de despesa para o estado, além da Secretaria da Saúde”, disse o conselheiro. E, diante de tanta coisa ruim, de tanta exposição a bactérias, imundície e vetores contrários à saúde, será que o número de mortes em decorrência desses fatores cresceu?

Hyder Aragão disse não ser possível afirmar ou supor que sim, já que não teve acesso a dados referentes a isto, mas acredita, embora também sem dados, que o número de lesões secundárias tenha disparado, sim. Ele explicou que lesão secundária é aquela que o paciente não tinha e que foi desenvolvida por causa do ambiente hospitalar. “Uma pessoa ingressa no Huse com uma fratura, e devido ao ambiente não favorável, a ferida evolui para uma infecção”, explicou.

A suspeita de Hyder Aragão foi confirmada através de uma matéria publicada pelo JORNAL DA CIDADE na edição do último sábado, dia 25 de maio, ao mostrar o sofrimento de Júlio Cesar Souza de Andrade, 32 anos, que corre o risco de ter uma perna amputada, após ter diso vítima de acidente de moto. Encaminhado ao Huse, disse não ter recebido o atendimento adequado. Júlio passou 85 dias internado esperando a realização da cirurgia e após esta etapa foi mandado pra casa, mas com uma bactéria já instalada na perna.